

ARGÈNE
LUPIN



MAURICE LEBLANC



**ARSÈNE
LUPIN**

**EA GAROTA
DE OLHOS
VERDES**

Tradução
Francisco José
Mendonça Couto



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em francês
La demoiselle aux yeux vert

Diagramação
Linea Editora

Texto
Maurice Leblanc

Design de capa
Ciranda Cultural

Tradução
Francisco José Mendonça Couto

Imagens
alaver/shutterstock.com;
alex74/shutterstock.com;
YurkaImmortal/shutterstock.com;
Oleg Lytvynenko/shutterstock.com

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Produção editorial
Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a	Leblanc, Maurice
	Arsène Lupin e a garota de olhos verdes / Maurice Leblanc ; traduzido por Francisco José Mendonça Couto. - Jandira : Principis, 2021. 224 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)
	Tradução de: La demoiselle aux yeux vert ISBN: 978-65-5552-458-1
	1. Literatura francesa. I. Couto, Francisco José Mendonça. II. Título. III. Série.
2021-1332	CDD 840 CDU 821.133.1

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa 840
2. Literatura francesa 821.133.1

1ª edição em 2021

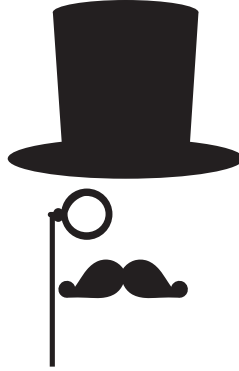
www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

... e a inglesa de olhos azuis.....	7
Investigações	24
O beijo na sombra	35
Assalto à Villa B.....	54
O terra-nova.....	67
Entre as folhagens.....	80
Uma das bocas do inferno.....	99
Manobras e dispositivos de batalha	113
Irmã Anne, vê alguma coisa vindo?.....	129
Palavras que valem por atos.....	149
Sangue.....	164
A água que sobe.....	182
Nas trevas	199
A Fonte de Juventa	213



... E A INGLESA DE OLHOS AZUIS

Raoul de Limézy flanava alegremente pelos bulevares, como um homem feliz que aproveitava bem a vida apenas observando os espetáculos encantadores e a alegria brejeira que Paris oferece em certos dias luminosos de abril. De porte mediano, tinha uma silhueta ao mesmo tempo esbelta e forte. Na altura dos bíceps, as mangas de seu casaco se inflavam, e o torso se impunha acima de uma cintura fina e flexível. O corte e os tons de suas roupas indicavam um homem que dá importância à escolha dos tecidos.

Contudo, como passava diante do Théâtre du Gymnase, teve a impressão de que um senhor, que andava a seu lado, seguia uma senhora, impressão essa que logo pôde comprovar ser exata.

Nada parecia mais cômico e mais divertido a Raoul do que um senhor seguindo uma senhora. Ele seguiu, portanto, aquele senhor que seguia a senhora, e os três, uns atrás dos outros, a distâncias convenientes, vagueavam ao longo dos movimentados bulevares.

Era preciso ter toda a experiência do barão de Limézy para poder adivinhar que o senhor seguia aquela senhora, porque o senhor agia com

discrição de cavalheiro, de modo que a senhora nada percebesse. Raoul de Limézy foi discreto também e, misturando-se aos transeuntes, apressou o passo para ter uma visão exata das duas personagens.

Visto de costas, o senhor se distinguia por uma risca impecável que dividia seu cabelo negro e engomado, e por uma postura, igualmente impecável, que valorizava os largos ombros e o alto porte. Visto de frente, exibia uma figura correta, que apresentava uma barba cuidada e uma tez fresca e rosada. Trinta anos, talvez. Segurança no andar. Importância no gestual. Vulgaridade no aspecto. Anéis nos dedos. Uma biqueira de ouro no cigarro que fumava.

Raoul apressou-se. A senhora, alta, resoluto, de aparência nobre, pisava firmemente com seus pés de inglesa, compensados por pernas graciosas e tornozelos delicados. O rosto era muito bonito, iluminado por admiráveis olhos azuis e por uma pesada massa de cabelos loiros. Os transeuntes paravam e se viravam. Ela parecia indiferente a essa homenagem espontânea da multidão.

“Caramba, que aristocrata!”, pensou Raoul. “Ela não merece ser seguida por esse engomadinho. O que ele é? Marido ciumento? Pretendente descartado? Ou, antes, um bonitão tolo e pretensioso em busca de aventura? Sim deve ser isso. O senhor tem realmente a estampa de um homem endinheirado que se crê irresistível.”

Ela atravessou a Place de l’Opéra sem se preocupar com os veículos que a atravancavam. Um caminhão puxado a cavalo quis barrar sua passagem: calmamente, ela agarrou as rédeas do animal e o imobilizou. Furioso, o condutor saltou de seu assento e a insultou muito de perto; ela lhe desferiu no nariz um pequeno golpe com o punho que lhe arrancou sangue. Um agente da polícia pediu explicações: ela virou as costas e se afastou tranquilamente.

Rue Auber, dois garotos brigando, ela os agarrou pelo colete e os pôs para correr uns dez passos. Depois atirou a eles duas moedas de ouro.

Boulevard Haussmann, ela entrou em uma confeitaria, e Raoul viu de longe que ela se sentou a uma mesa. Já que o senhor que a seguia não entrou, ele penetrou lá e tomou um lugar de modo que ela não pudesse notá-lo.

Ela pediu chá e quatro torradas, que devorou com seus dentes magníficos.

Seus vizinhos a observavam. Ela permaneceu imperturbável e fez com que lhe trouxessem mais quatro torradas.

Mas uma garota, sentada mais longe, também atraía a curiosidade. Loira como a inglesa, com cachos ondulados no cabelo, menos ricamente vestida, mas com um gosto mais parisiense, estava rodeada de três crianças pobrementemente vestidas, às quais distribuía doces e garrafinhas de suco de romã. Ela as havia encontrado na porta e se regalava com a alegria evidente de ver os olhos das crianças se encher de prazer e suas bochechas se sujar de creme. Estas não ousavam falar e se empanturravam à vontade. Porém, mais criança do que elas, a garota se divertia infinitamente e dizia a todas: “O que é que se diz à senhorita...? Mais alto... Não estou ouvindo... Não, não sou uma senhora... Devem me dizer: Obrigado, senhorita...”.

Raoul de Limézy foi logo conquistado por duas coisas: a alegria feliz e natural do rosto dela, e a profunda sedução dos grandes olhos verde-jade, raiados de ouro, e dos quais não se podia tirar os olhos uma vez ali fixados.

Tais olhos são comumente estranhos, melancólicos ou pensativos, e essa era talvez a expressão daqueles. Mas ofereciam naquele instante a mesma radiância de vida intensa que o restante do rosto, que a boca maliciosa, que as narinas frementes e as faces de covinhas sorridentes.

“Alegrias extremas ou dores excessivas, não há meio-termo para essa espécie de criatura”, pensou Raoul, que sentiu o súbito desejo se influenciar por aquelas alegrias ou de combater aquelas dores.

Virou-se para a inglesa. Ela era verdadeiramente bela, de uma beleza forte, feita de equilíbrio, de proporção e de serenidade. Mas a senhorita de olhos verdes, como ele a chamava, fascinava-o ainda mais. Ao se admirar uma, desejava-se conhecer a outra, penetrar no segredo de sua existência.

Ele hesitou, no entanto, assim que ela acertou sua conta e se foi com as três crianças. Deveria segui-la? Ou ficar ali? Quem o conduziria? Os olhos verdes? Os olhos azuis?

Levantou-se precipitadamente, jogou o dinheiro no balcão e saiu. Os olhos verdes o conduziam.

Um espetáculo imprevisto o atingiu: a senhorita de olhos verdes conversava na calçada com o bonitão que meia hora antes seguia a inglesa como um amante tímido ou ciumento. Conversa animada, fervorosa de uma e de outra parte, e que mais parecia uma discussão. Era visível que a garota procurava passar e o bonitão a impedia, e era também visível que Raoul chegara ao ponto, contra toda conveniência, de interferir.

Não teve tempo. Um táxi parou diante da confeitaria. Um senhor desceu e, vendo a cena na calçada, acorreu até lá, levantou sua bengala e, de um golpe de voleio, fez voar o chapéu do bonitão engomadinho.

Estupefato, este recuou, depois se precipitou, sem se preocupar com as pessoas que se atropelavam.

– Mas o senhor é louco! O senhor é louco! – preferiu ele.

O recém-chegado, que era menor e mais velho, colocou-se na defensiva e, com a bengala levantada, gritou:

– E o proíbo de falar com essa garota. Sou o pai dela, e lhe digo que o senhor não é senão um miserável, sim, um miserável!

Havia entre um e outro como que um frêmito de ódio. O bonitão, insultado, abaixou-se, pronto para saltar sobre o recém-chegado, a quem a garota puxava pelo braço e tentava entrar no táxi.

Conseguiu separá-los e tomou a bengala do senhor quando, de repente, encontrou-se frente a frente com uma cabeça que surgia entre ele

e seu adversário, uma cabeça desconhecida, estranha, cujo olho direito piscava nervosamente e de cuja boca, enviesada por uma careta de ironia, pendia um cigarro.

Era Raoul, que se erguia assim e articulava, como voz rouca:

– Tem fogo, por favor?

Pedido verdadeiramente inoportuno. O que queria, porém, o intruso? O engomadinho relutou.

– Deixe-me tranquilo, ora! Não tenho fogo.

– Mas tem sim! Há pouco você fumava – afirmou o intruso.

O outro, fora de si, tentou afastá-lo. Não conseguindo, e não podendo nem mesmo mexer os braços, baixou a cabeça para ver que obstáculo o entravava. Parecia confuso. As duas mãos do senhor seguravam seus punhos de tal maneira que não conseguia fazer nenhum movimento. Um torno de ferro não o teria deixado mais paralisado. E o intruso não cessava de repetir, em um tom tenaz, obsessivo:

– Fogo, por favor. Será que é tão miserável que vai me recusar fogo?

As pessoas riam em volta. O bonitão, exasperado, proferiu:

– Vai ficar me aborrecendo, hein? Já disse que não tenho.

O senhor balançou a cabeça com um ar melancólico.

– O senhor é bem mal-educado. Jamais se recusa fogo a quem lhe pede tão cortesmente. Mas, já que tem tanta má vontade para me prestar um serviço...

Soltou seu agarrão. O bonitão, libertado, apressou-se. Mas o carro acelerava, levando seu agressor e a senhorita de olhos verdes, e foi fácil ver que o esforço do engomadinho seria em vão.

“Tanta coisa para nada”, disse a si mesmo Raoul, vendo-o correr. “Banco o Dom Quixote em favor de uma bela desconhecida de olhos verdes, e ela se esquivava, sem me dar seu nome nem seu endereço. Impossível encontrá-la. E então?”

Então, decidiu retornar à inglesa. Ela se afastou rapidamente, depois de sem dúvida assistir ao escândalo. Ele a seguiu.

Raoul de Limézy se encontrava em um desses momentos em que a vida está de algum modo suspensa entre o passado e o futuro. Um passado, para ele, repleto de acontecimentos. Um futuro que se anunciava igual. No meio, nada. E, nesse caso, quando se tem trinta e quatro anos, é a mulher que parece ter na mão a chave de nosso destino. Uma vez que os olhos verdes haviam se desvanecido, ele regularia seu passo incerto pela clareza dos olhos azuis.

Contudo, quase imediatamente, tendo fingido tomar outro caminho e recuando sobre os próprios passos, ele percebeu que o bonitão de cabelo engomado estava de novo à caça e, rejeitado de um lado, lançava-se, como ele, de outro. E os três recomençariam a passear sem que a inglesa pudesse perceber as manobras de seus pretendentes.

Ao longo das calçadas abarrotadas, ela andava flanando, sempre atenta às vitrines e indiferente aos cumprimentos recebidos. Ela chegou assim à Place de la Madeleine, e pela Rue Royale alcançou o Faubourg Saint-Honoré, até o Grand Hôtel Concordia.

O bonitão parou, deu alguns passos, comprou um pacote de cigarros, depois entrou no hotel, onde Raoul o viu conversar com o recepcionista. Três minutos mais tarde, saiu, e Raoul se dispôs igualmente a questionar o recepcionista sobre a jovem inglesa de olhos azuis, quando ela transpôs o saguão e subiu em um carro para onde haviam levado uma pequena mala. Estaria saindo de viagem?

– Motorista, siga aquele carro – disse Raoul, que chamara um táxi.

A inglesa fez compras e, às oito horas, desceu diante da Gare de Lyon e, instalando-se no bufê, pediu uma refeição.

Raoul se sentou a distância.

O jantar acabou, ela fumou dois cigarros, depois, por volta das nove e meia, encontrou diante dos guichês um empregado da Companhia Cook, que lhe deu sua passagem e seu registro de bagagens. Depois disso, tomou o trem expresso das nove e quarenta e seis.

– Cinquenta francos – ofereceu Raoul ao empregado – se você me disser o nome dessa senhora.

– Lady Bakefield.

– Aonde ela vai?

– A Monte Carlo, senhor. Está no vagão número 5.

Raoul refletiu, e então se decidiu. Os olhos azuis valiam a viagem. E, afinal, foi seguindo os olhos azuis que ele tinha conhecido os olhos verdes, e podia-se talvez pela inglesa reencontrar o bonitão, e pelo bonitão chegar aos olhos verdes.

Voltou, comprou uma passagem para Monte Carlo e se precipitou para a plataforma.

Avistou a inglesa no alto dos degraus de um vagão, deslizou no meio das pessoas e a reviu, através das janelas, de pé, desabotoando o casaco.

Havia muito pouca gente. Era alguns anos antes da guerra, no fim de abril, e esse expresso, muito incômodo, sem vagões-leito nem restaurante, levava até o Midi¹ poucos passageiros de primeira classe. Raoul só contou dois homens, que ocupavam a cabine situada na frente desse mesmo vagão número 5.

Ele passeou pela plataforma, bem longe do vagão, alugou dois travesseiros, abasteceu-se de jornais e folhetos na biblioteca rolante e, depois de um apito, de um salto, escalou os degraus e entrou na terceira cabine, como qualquer um que chegasse no último minuto.

A inglesa estava só, junto à janela. Ele se instalou no banco oposto, mais perto do corredor. Ela levantou os olhos, observou aquele intruso que não oferecia nem mesmo a garantia de uma mala ou de um pacote, e, sem parecer afetar-se, ocupou-se em comer enormes bombons de chocolate que tirava de uma grande caixa aberta sobre os joelhos.

¹ Literalmente significa “meio-dia”, meridiano ou meridional, relativo ao Sul. É o nome dado ao sul da França. (N.T.)

Passou um fiscal e perfurou as passagens. O trem se apressava rumo aos subúrbios. As luzes de Paris se espaçavam. Raoul percorreu distraidamente os jornais e, não vendo nada de interessante, deixou-os de lado.

“Nada de novo”, disse a si mesmo. “Nenhum crime sensacional. Como esta jovem é cativante!”

O fato de se encontrar a sós, em um pequeno espaço fechado, com uma desconhecida, sobretudo bonita, de passar a noite junto e de dormir quase lado a lado parecia-lhe sempre uma anomalia mundana que o divertia muito. Também estava determinado a não perder tempo com leituras, meditações ou olhares furtivos.

Sentou-se mais próximo. A inglesa evidentemente devia adivinhar que seu companheiro de viagem se dispunha a lhe dirigir a palavra, e nem se dignou a transparecer que percebeu. Cabia, pois, a Raoul fazer, por sua conta, todo o esforço para travar relações. Isso não o deteve. Em um tom infinitamente respeitoso, articulou:

– Seja qual for a incorreção de meu procedimento, peço-lhe permissão para adverti-la de uma coisa que pode ter importância para a senhorita. Permite-me que eu lhe dirija algumas palavras?

Ela escolheu um chocolate e, sem voltar a cabeça, respondeu brevemente?

– Caso se trate mesmo de apenas algumas palavras, senhor, sim.

– Vamos lá, senhora...

Ratificou...

– Senhorita...

– Vamos lá, senhorita. Sei, por acaso, que foi seguida durante toda a tarde, de maneira equívoca, por um senhor que se escondia da senhorita e...

Ela interrompeu Raoul:

– Seu procedimento é, com efeito, de uma incorreção que me espanta por parte de um francês. O senhor não tem permissão de vigiar as pessoas que me seguem.

– É que esse me pareceu suspeito...

– Esse, que eu conheço, e que me foi apresentado no ano passado, o sr. Marescal, tem ao menos a delicadeza de me seguir de longe e não invadir minha cabine.

Raoul, espicaçado, inclinou-se:

– Bravo, senhorita, golpe certo. Não digo mais nada.

– O senhor não tem mais nada a dizer, com efeito, até a próxima estação, onde o aconselho a descer.

– Mil desculpas. Meus negócios me chamam em Monte Carlo.

– Eles só o chamaram depois que soube que eu ia.

– Não, senhorita – disse Raoul claramente... – mas, depois que eu a notei, mais cedo, em uma confeitaria, no Boulevard Haussmann.

A resposta foi rápida.

– Inexato, senhor – disse a inglesa. – Sua admiração por uma jovem de magníficos olhos verdes certamente teria lançado o senhor no enalço dela, se tivesse podido encontrá-la após o escândalo que se produziu. Não podendo, lançou-se em meu enalço, primeiro até o Hôtel Concordia, como o indivíduo que denunciou minha manobra, depois até o bufê da estação de trem.

Raoul divertia-se francamente.

– Sinto-me lisonjeado pelo fato de que nenhum de meus feitos ou gestos lhe tenha escapado, senhorita.

– Nada me escapa, senhor.

– Estou percebendo. Mais um pouco e a senhorita diria meu nome.

– Raoul de Limézy, explorador, recém-chegado do Tibete e da Ásia central.

Raoul não dissimulou seu espanto.

– Mais e mais lisonjeado. Posso lhe perguntar que inquérito é esse?

– Inquérito nenhum. Mas, quando uma senhora vê um senhor se precipitar em sua cabine no último minuto, e sem bagagens, ela tem